

AS ASAS

«Hoje é o dia 8 de Novembro», dissera Miguel antes de ir embora. «O dia de todos os anjos.»

Carla estava sozinha no automóvel, envolta pelas trevas. Miguel partira há algum tempo, quando o crepúsculo invadia os campos. Lembrava-se das suas palavras: «Não me agrada deixar-te aqui. Esta é a hora das fendas. Das fendas entre os dois mundos...»

Mas ela limitara-se a sorrir. Tinham passado uma estação de serviço a menos de um quilómetro de distância, ele não levaria muito tempo a voltar.

Vira-o partir, por entre as árvores banhadas numa luz vermelha. Acendera um cigarro e começou a folhear uma revista. Mas agora pensava que talvez devesse ter ido com ele. Era noite fechada e não passava ninguém por aquela estrada de campo.

Tudo parecia mover-se à sua volta. As árvores, os arbustos, sombras rastejantes; uma ou duas vezes teve a impressão de que asas de pássaros roçavam o pára-brisas.

De repente compreendeu que não podia ficar ali nem mais um minuto. Era como se estivesse prisioneira no centro das sombras.

Abriu a porta e o seu pé mergulhou em algo lamacento. Os ruídos eram mais fortes, movimento de folhas, gritos longínquos de pássaros.

Caminhou alguns metros, na estrada iluminada pelos faróis do automóvel. Fechou o botão de cima do casaco de malha preto que vestia sobre a pele. Começou a assoviar baixinho, como uma criança perdida nos bosques.

A lua saiu de trás das nuvens e tudo ficou banhado numa luz branca, irreal.

«Lua cheia», murmurou.

E então viu a porta de ferro, velha, enferrujada, quase escondida pela vegetação. Instintivamente tentou empurrá-la. A porta começou a abrir-se, rangendo com força.

A lua iluminava um jardim semiabandonado, com arcos de pedra e rododendros em flor. Árvores imensas, que ela não conseguiu identificar e que pareciam estar ali desde o princípio do mundo.

Ao longe, entre as árvores, divisou a casa enorme, sinistra, com uma luz acesa. À frente havia um lago, um lago negro, onde se formavam sombras movediças.

L'empire des lumières, pensou.

Continuou a caminhar, com passos lentos. Os gritos dos pássaros eram agora muito próximos. Gemeu baixinho quando uma asa penugenta lhe roçou o rosto. O pássaro, se era um pássaro, desapareceu entre as árvores.

Mas havia algo além dos pássaros. Formas negras deslizavam pelo jardim. Cães grandes... ou lobos. Um uivo ao longe. E depois o som de passos que se aproximavam.

Começou a correr, contornou o lago e encostou-se ofegante à porta da casa. Olhou para trás. O jardim parecia ter-se imobilizado. E um estranho silêncio... A lua desapareceu atrás de uma nuvem.

Procurou uma campainha. Havia apenas uma aldraba. Não conseguia vê-la mas sentiu vagamente a forma de

asas. Deixou-a cair e um som pesado, escuro, rasgou a noite.

Ao fim de muito tempo a porta abriu-se.

— Boa noite — disse alguém.

Carla encontrava-se numa sala funda, bem iluminada, as paredes pesadas de livros. Uma lareira acesa espalhava um calor envolvente. Sentiu vontade de enroscar-se no tapete junto à lareira, como um gato.

Sorriu para o homem que, sentado à sua frente, segurava um cálice de xerez.

— Esta casa é tão estranha. Parece saída de uma ilustração de um conto de fadas. A preto e branco.

O homem sorriu. Tinha um rosto de uma beleza terrível, sombria, os olhos azuis-escuros, o cabelo negro. Era a primeira vez que Carla encontrava alguém tão belo como Miguel. Embora este fosse diferente, com o cabelo louro, quase branco, os traços ligeiramente mais suaves. Mas os olhos tinham também aquela cor, aquele azul que por vezes parecia cinzento...

— Quando bateu à porta esperava ver surgir um ogre, um corcunda, Frankenstein em pessoa — disse o homem.

Carla soltou uma risada.

— Quase. Pensei estar no antro de um vampiro.

Ele sorriu de novo. Um sorriso enigmático.

— Se for um pouco mais longe, no interior da casa... quem sabe o que poderá encontrar... Hoje é o dia 8 de Novembro.

Não disse mais nada. Mas ela teve um leve estremecimento. Olhou para as estantes.

— Você é escritor.

— Escrevo poemas. A linguagem dos pássaros.

— Miguel, o meu noivo, toca saxofone. Jazz.

O homem não fez comentários.

— Ele também me disse que era o dia de todos os anjos.

— A noite...

A jovem mordeu os lábios.

— Estou preocupada com ele. Deveria ter voltado.

— Miguel sabe que está aqui. Este lugar é a prisão dos pássaros, a prisão dos anjos.

— Não compreendo.

O homem riu. De uma forma estranha, funda.

— Aqui vais conhecer tudo o que é secreto.

Carla percebeu que queria entrar no jogo. Qualquer jogo. Aqueles olhos azuis tinham o poder de hipnotizá-la, de fazê-la acreditar nas coisas mais absurdas.

— Que segredos?

— Este lugar é o fim do céu e da terra. É a prisão de todas as estrelas. É o lugar onde as águas se misturam.

— Que águas?

Ele inclinou a cabeça para trás. Como se falasse de muito longe.

— A água que está sobre o céu é do sexo masculino. E a água que está debaixo da terra é do sexo feminino.

— E é aqui que elas se misturam...

— Sim.

— Aprendeu isso nos livros?

Ele olhou para as estantes, pensativo.

— Um livro pode ser um anjo.

— E você escreve livros...

— O que faz de mim um mágico... ou um monstro.

— Você não é um monstro.

— Eu... sou muitas coisas. Sou o som dos passos que se aproximam, sou uma roda dentro de outra roda, sou aquele que nunca dorme.

Carla fechou os olhos.

— Aquele que nunca dorme...

— Há muito tempo... ensinei alguém a escrever com tinta e papel... e desde então ardo...

— Os seus livros são tão estranhos como você?
— Muito mais. São escadas. Para escrevê-los visto-me de penas...

A jovem abriu os olhos. Ele ria abertamente.

— Como é mesmo o seu nome?

— Azazel.

— É nome de anjo.

— De anjo mau.

Ela tentou rir.

— Vai fazer-me pesadelos.

— Há muito tempo que você sonha comigo.

O homem levantou-se. Carla reparou pela primeira vez que era muito alto e que a sua sombra na parede tinha algo de estranho, como se fosse a sombra de outro ser.

— Mandei preparar-lhe um quarto. Vai passar a noite aqui.

— Mas Miguel...

O homem disse com firmeza:

— Ele sabe onde encontrá-la.

Sozinha no quarto, Carla olhava-se ao espelho. O rosto moreno, os olhos muito grandes e negros, a boca pequena, o cabelo encaracolado. Bonita. Mas não como eles. Como Miguel e aquele homem estranho.

O quarto era amplo e tinha espessos cortinados de veludo azul. Rosas vermelhas sobre a cómoda. A cama, coberta por uma colcha azul, estava aberta. Carla pensou mais uma vez que não vira ninguém na casa além do escritor. Nem sombra de criados.

Tirou o casaco de malha preto e deixou-o cair sobre uma cadeira. Ficou pensativa por instantes, a olhar os cortinados. Veludo Azul.

De repente apercebeu-se de que havia mais alguém no quarto. Não tinha ouvido um único som. Voltou-se e ele